UM ANÚNCIO PROFÉTICO PARA UM NOVO TEMPO

Cyzo Assis Lima

"Jesus voltou então para a Galiléia, com a força do Espírito, e sua fama espalhou-se por toda a região circunvizinha. Ensinava em suas sinagogas e era glorificado por todos. Ele foi a Nazara (Nazaré), onde fora criado, e, segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; abrindo-o, encontrou o lugar onde está escrito: *O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.* Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos. Então começou a dizer-lhes: 'Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura'. Todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca" (Lc 4,14-22, BJ).

No momento cresce muito a conversa em torno da chegada do Terceiro Milênio. A Igreja Católica Romana, há mais tempo, vem, em nível interno e das cúpulas, colocando a questão na sua ordem do dia. Até mesmo um documento pontifício foi produzido. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) elaborou Diretrizes e Planos de Ação para a preparação e celebração da chegada do Terceiro Milênio. Aos poucos, outras igrejas cristãs também começam a se interessar pela celebração dos 2000 anos da Encarnação do Filho de Deus nesta humanidade. Sabe-se, hoje, que já existem canais ecumênicos articulados para um "celebrar conjunto" da chegada do Terceiro Milênio, buscando assim não estarem os cristãos tão divididos (melhor seria dizer desunidos), e oferecer então um presente a Jesus Cristo nos 2000 anos de sua entrada histórica nesta humanidade.

A reflexão que segue pretende, de forma modesta, a partir do texto de Lucas acima transcrito, apresentar o início da Missão de Jesus, como continuidade e aperfeiçoamento da missão dos profetas de Deus na busca do Reino neste mundo. E, a título provocativo, já adiantamos que toda e qualquer celebração jubilar em relação à vinda, à vida e à missão do Senhor Jesus neste mundo, se for descomprometida do clamor e da real situação em que se encontra a maioria dos pobres, excluídos e sofredores/as, não passará de grande *show* e evento esvaziado do Espírito do próprio Cristo, e, por isso mesmo, deve ser interpelada e questionada pelos cristãos quanto à sua real intenção. Há demais celebrações cheias de "júbilos", e de menos, projetos de vida e liturgia realmente comprometidas com o anúncio e o evangelho do Senhor da Vida no contexto social de tanta exclusão e sofrimento, sempre sacrificando os mais

pobres. Como celebrar triunfalmente o jubileu da vinda de Jesus num mundo de tantos crucificados e oprimidos? Que espécie de compromisso esta realidade requer dos cristãos que estão celebrando a encarnação do seu Senhor nesta humanidade?

Nazaré: o chão de Jesus

Nazaré era uma pequena aldeia, e vivia à margem dos acontecimentos importantes até a vinda de Jesus. Sua gente simples e pobre vivia sua existência sem maiores novidades naquele pequeno lugarejo que ficava na Galiléia. Sabemos que na Galiléia vivia uma elite muito rica e sofisticada (Mc 6,21), cercada por massas de empobrecidos cada vez mais esmagados pelos impostos do Império Romano, do Templo, dos latifundiários etc. Em Nazaré, José viveu e organizou seu projeto de vida, casando-se com Maria. Permaneceu lá, vivendo a vida de esposo e pai adotivo de Jesus Cristo. Seu trabalho era modesto (Não é ele o filho do *carpinteiro?* – Mt 13,55), como o das demais pessoas de Nazaré. José, como muitas outras pessoas daquele lugar, fazia parte do "resto" que manteve sempre a fidelidade ao Projeto de Deus. É em Nazaré que Jesus vive sua infância e sua juventude. Os evangelhos dão a entender que, naquela aldeia, as pessoas se conheciam bem de perto e sabiam muito umas das outras (Mt 13,55-56; Mc 6,2-4 etc.). Havia uma espécie de "controle social" de uns sobre os outros, coisas típicas de lugares do interior. Desde a infância Jesus viveu em Nazaré (Mt 2,23). Viver em Nazaré era estar de braços dados com a luta pela sobrevivência diária. Com certeza Jesus trabalhou duro. O trabalho de José como carpinteiro era todo braçal/artesanal. Imagino os toros de madeira que Jesus colocou sobre seus ombros, levando-os de um lugar para outro para depois, com a força dos braços, serem serrados e transformados em tábuas rústicas. Quanto esforço físico e quanta paciência implicava esse tipo de trabalho. Ter vivido a maior parte da vida em Nazaré significava também ter participado da cultura, da lida, das dificuldades e das esperanças daquela gente, que pelo que se percebe não era lá muito interessada pelos caminhos de Deus. Pois as pessoas passavam de um "entusiasmo" religioso para um descompromisso de forma muito rápida, típico de gente sem uma sólida base religiosa (Lc 4,22 entusiasmo-interrogações e no v. 28 ataque fulminante com declarada resistência à proposta de Jesus). Por outro lado, a presença dos moradores de Nazaré nos cultos da sinagoga era significativa (Mc 6,2). Talvez o povo aguardasse mesmo, a partir do Judaísmo ainda restante, a vinda de um grande profeta. Pela Palestina Jesus ficou conhecido como sendo de Nazaré (Mt 26,71).

Nazaré sai do anonimato

Num determinado sábado, que, para os que se encontravam na sinagoga, poderia ser como um outro qualquer, acontecia algo que mudaria a vida do povo de Nazaré. Tal fato não tinha muito a ver com a pessoa e nem mesmo com a presença de Jesus na sinagoga. Afinal, era costume (Lc 4,16) a presença de Jesus aos sábados na sinagoga, para, junto com seus conterrâneos, ler e meditar a Torá (Palavra de Deus).

Pessoalmente Jesus sempre foi uma presença ativa na oração sinagogal. Ele mesmo muitas vezes fazia a leitura da Torá. Era assim uma espécie de "leitor" muito interessado em proclamar a Palavra de Deus para a assembléia reunida (Lc 4,17). Jesus também fazia um trabalho de visitas às sinagogas onde ele ensinava e sempre encontrava muita gente reunida e aberta para a mensagem de Deus (Lc 4,15).

Sabemos que qualquer judeu adulto podia, com a permissão do chefe da sinagoga, fazer a leitura do texto sagrado. Naquele sábado, entregaram a Jesus, como tantas vezes antes, o texto sagrado para ser lido por ele. A novidade foi o fato de Jesus, naquela vez, procurar um texto do profeta Isaías (Is 61,1-2) e ler esse texto. Poderia ter lido um salmo, uma história bíblica, um trecho do êxodo etc. Mas ele tinha um interesse todo particular e foi direto na realização do mesmo. Jesus Cristo solenemente leu uma profecia bíblica. Um texto de um profeta. E que profecia! E olha que naquele tempo, naquela situação, o povo sentia falta dos profetas. Sua voz saiu diferente naquela leitura, pois Jesus colocou toda a entonação para que os ouvintes pudessem realmente compreender o que estava sendo lido:

> *"O Espírito do Senhor está sobre mim,*
> *porque ele me ungiu*
> *para evangelizar os pobres;*
> *enviou-me para proclamar a remissão aos presos*
> *e aos cegos a recuperação da vista,*
> *para restituir a liberdade aos oprimidos*
> *e para proclamar um ano da graça do Senhor".*

No minucioso comentário de Lucas, podemos até mesmo "ver" os movimentos de Jesus no v. 20: "Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos". Imaginamos Jesus enrolando o rolo sagrado e pensando: "verei agora como este povo vai responder a este Programa Profético de libertação de todos os males que aí estão". O servente guardou o rolo sagrado. Alguém era especialmente preparado para esta função. Jesus sentado aguarda a reação e a resposta dos que ali estavam reunidos com ele. A primeira reação foi de olharem atentos para a pessoa de Jesus. Parece que esse Jesus não era mais o mesmo que estava aos sábados sempre ali. Na mente do povo de Nazaré alguma coisa começava a mudar, a ser diferente. Os mais velhos talvez lembrassem de um ou outro dito profético que a tradição cuidou de manter sempre vivo. Uma voz profética se fez ouvir na sinagoga. Os ouvintes estavam surpresos e tomados de uma sensação de novidade, de algo grande, bonito, animador e esperançoso. Os olhos continuavam fitos no Cristo. O silêncio era total. Alguns aguardavam ansiosos o que iria ser comentado em seguida. Jesus então retoma a cena e aí ele diz algo que vai ser mesmo uma grande novidade: *"Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura"* (v. 21). Foi um êxtase geral. Todos se maravilharam e se alegraram no seu Deus. Até que enfim chegou o dia, o grande dia, da libertação de todas as escravidões. Da vitória da vida sobre a morte. Da fiel realização das promessas de Deus. "Todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça (força) que saíam de sua boca"

(v. 22). Mas alguns não entenderam bem o anúncio de Jesus e começaram uma espécie de interrogatório: "Não é o filho de José?" (v. 22b).[1]

'O Espírito do Senhor está sobre mim' ou o Cristo Profeta

Somente o Espírito é capaz de suscitar e manter a profecia. Sem o Espírito não haveria a profecia e por isso mesmo o Projeto de Deus teria carência de profetas e profetisas. Jesus se apresenta como o portador do Espírito e o ungido com o Espírito. Ele assume que sua missão é a missão de Deus. Que, tendo sobre si o Espírito, esse Espírito o lança na missão maior: implantar nesta humanidade o Projeto de Deus. Em Isaías 65,17-25 temos a maquete deste Projeto. Jesus inicia seu ministério na condição de Profeta. Aquele que vem resgatar o sentido, a profundidade e essência do Reino de Deus. Ele vem e anuncia com o texto profético, texto que pedagogicamente apresenta um programa concreto de ação pela vida que é gerada a partir do Reino. Ele assume que sua missão será a partir da profecia. Quem quiser entrar no seu movimento terá que optar pela profecia. Para isso terá que se abrir ao Espírito do Deus da Vida, Deus criador e libertador. Não é o caso aqui neste espaço, mas vale lembrar que o povo sempre via Jesus como o Profeta (Lc 24,19).

Na base do Projeto de Jesus estava sua profunda sintonia com Deus através da presença e manifestação do Espírito sobre ele. Não basta saber que se é portador do Espírito, é importante expressar que somos povo do Espírito portador da força que vem do Senhor da Vida. Somos ungidos e guiados pelo Espírito. Ter essa consciência de que somos enviados pelo Espírito e que na nossa missão ele está conosco, sobre nós, em nós (Rm 8,9) e que nos anima e nos impulsiona a um constante movimento de construção do reino de Deus neste mundo. Jesus expressou claramente essa consciência em Nazaré. Seu movimento é o movimento do Espírito renovador e criador de coisas novas. Naquele sábado algo de novo então acontece em Nazaré da Galiléia. Tal acontecimento, a partir de Jesus, é a manifestação do Espírito de Javé, portador de esperança e vida.

Ele me ungiu para evangelizar os pobres

Como portador do Espírito de Deus, Jesus situa bem para os seus ouvintes seu campo de ação: o mundo dos pobres. Ele tem a missão de anunciar a "Boa Notícia" aos pobres. Ele mesmo assume em sua vida a dimensão do ser e do esperar dos pobres. Identifica-se com eles e com eles busca o rosto de Deus. Jesus, a partir de Nazaré, com os olhos sobre a Torá, convoca os pobres de então para buscarem caminhos que

1. Optei por não trabalhar a seqüência do texto que vai até o v. 30, pois não vejo aqui o espaço suficiente para desenvolver a questão da chamada "evolução literária" deste texto, onde o povo passa da aceitação da mensagem profética de Jesus para a animosidade total contra a mesma mensagem. Prefiro crer, conforme alguns estudiosos afirmam, que tal "conflito" nada mais é do que os acréscimos, para levar em conta aspectos bem primitivos da atitude do povo frente à novidade e ao movimento trazidos por Jesus.

vão ao encontro de Deus e do seu reino. Logicamente que tal ação de Jesus vai gerar conflitos, resistências e até mesmo duras perseguições. Mas Jesus está cheio do Espírito e tem compaixão da situação daquele povo. Ele assume então na sua esperança a esperança dos pobres e sofredores.

O Ano da Graça do Senhor

Os ouvintes de Jesus puderam novamente, naquele sábado, sentir o amor e a ternura de Deus. Alguém agora fala-nos sobre a justiça de Deus. Desafia-nos a assumirmos essa novidade para o hoje, o aqui e o agora. E aí é que está a beleza do Programa de Ação de Jesus. Ele começa pelo caminho da solidariedade, do encontro com os "perdidos" e separados da ordem social vigente. Ele vai ao encontro dos pobres, dos presos, dos cegos, dos oprimidos (escravos). Só depois de ter-se comprometido com esses, de ter com eles e a partir deles gerado libertação e vida, é que é possível celebrar o ano da graça. Ano esse que significa o perdão das dívidas e a retomada da justiça de Deus na história. Ação profética, libertação de tudo o que anula ou diminui as criaturas, e, após isso, a celebração jubilar.

Júbilo verdadeiramente júbilo requer alegria e esperança. Requer a justiça e a paz fazendo morada entre os celebrantes. Requer a certeza de que a vida está tendo a palavra final no processo dialético, conflituoso e difícil para com as forças de morte. Celebrar a encarnação do Filho de Deus na nossa humanidade é celebrá-la a partir da dimensão profética de Jesus. Ele anuncia o Tempo do grande júbilo. Hoje, temos nas nossas igrejas uma Cristologia por demais intimista e desligada de um agir gerador de vida num mundo onde a morte teima em impor sua última palavra. Celebrar os dois mil anos do nascimento de Jesus implica, enquanto cristãos celebrantes, levar ao mundo que aí está a mensagem que Jesus levou aos seus contemporâneos. Significa fazer com que o evangelho de Jesus penetre nas mais diferentes realidades, onde muitas delas, explicitamente, resistem ao reino de Deus, sendo então realidades de anti-reino. Os cristãos, então, precisamos recuperar a dimensão profética de nossa fé e assim, inspirados e fortalecidos pelo Espírito, fazer do jubileu de Jesus um espaço para proclamarmos que o Filho de Deus é caminho, verdade e vida. Que ele, e tão-somente ele, é o Senhor da história. Que mesmo assim fez-se servo (Fl 2) para resgatar nossa humanidade e levá-la a realizar em si o plano do Pai.

Cyzo Assis Lima
Rua Dona Carlota, 985
Cx. Postal 4
96840-600 Santa Cruz do Sul, RS